Flores: o difícil negócio da beleza

MICHAEL GRIFFIN*

Seis anos depois que a Holanda anunciou uma limpeza de sua indústria de flores, incluindo a proibição total do emprego de cerca de 300 praguicidas, os produtores holandeses estão perto de conseguir que seu processo produtivo seja quase perfeito, sem contaminação.

A velocidade com que os produtores holandeses de flores se ajustaram à nova legislação deve ser contabilizada como um dos êxitos ambientalistas mais destacados da década. Até 1989, os 11 mil cultivadores do país tinham motivos para ser felizes: metade do comércio mundial de flores estava em suas mãos e o governo os apoiava totalmente, fazendo vista grossa quando eram acusados de contaminadores, como na ocasião em que o mercúrio afetou o leite local, ou quando foi demonstrado que os desinfetantes que utilizavam eram cancerígenos.

Na década de 70, a contaminação era tão alta que os holandeses tiveram de parar de consumir a água de seus rios, abastecendo-se das águas purificadas do rio Reno.

A produção de beleza em larga escala pode ser um negócio "sujo", e as plantações holandesas não constituíam exceção. Ano após ano, milhares de capulhos e flores eram cultivados nos mesmos lugares, atraindo grande número de parasitas do solo e de fungos, todos requerendo esterilização regular, antes que se pudessem voltar a plantar. A cada mês de agosto, eram jogadas ao solo centenas de toneladas de dicloropropano e metassódio como desinfetantes, o que eliminava não só as pragas, mas também qualquer outra atividade dos solos.

Após a abertura dos capulhos, borrifava-se a planta com praguicidas uma vez por semana e grande parte do produto químico ia parar numa drenagem ou no solo. Só o cultivo do jacinto requeria 362kg/ha de inseticida, segundo dados da Federação do Ambiente do Sul da Holanda, o que os tornava mais tóxicos do que a beladona. Em fins dos anos 70, os níveis de contaminação eram tão altos, que os holandeses tiveram de parar de consumir a água de seus rios, abastecendo-se das águas purificadas do rio Reno.

Devido à pressão dos ecologistas da Alemanha, o seu maior mercado, o governo holandês viu-se finalmente forçado a empreender medidas duras. Anunciou, assim, em 1989, uma série de reformas de longo alcance, entre as quais se incluía a proibição total da aplicação de praguicidas na terra ou nas águas subterrâneas, até o fim do século. Entre outras medidas obrigatórias, estava a substituição da desinfestação química do solo pelo escaldamento a vapor e a redução de 50% na quantidade de energia utilizada para o cultivo de flores em estufa.

Uma mudança radical

"Presenciamos uma enorme mudança nos métodos de produção nos últimos dois anos", afirmou Nick Van Rest, do Conselho de Flores da Holanda, "já que 60% das flores de corte são cultivadas hoje em ambientes totalmente fechados, de maneira que não entra no terreno nenhum tipo de praguicida ou fertilizante. As novas variedades de plantas e flores são mais resistentes às enfermidades e, portanto, já não necessitamos de tantos produtos químicos. Além disso, há formas biológicas de luta contra as enfermidades e os insetos."

Terra Nigra, situada junto ao mercado de Aalsmeer, é uma das plantações típicas que nascem à sombra da nova legislação: três hectares cobertos que abrigam a produção de flores e as novas espécies de rosas e de gérberas. Realizou a transição do método antigo ao moderno em duas fases: substituindo a terra por lã de rocha[1] no primeiro ano e instalando a tecnologia de reciclagem no segundo.

Todas as plantas crescem agora em lã de rocha e recebem individualmente água, nutrientes e praguicidas através de um sistema fechado de tubos e canais, que reciclam de forma constante a água não utilizada, ou cerca de 30% do líquido não consumido pelas plantas. Johan Berk, gerente de vendas da Terra Nigra, ficou agradavelmente surpreendido pelos resultados.

Sem dúvida, nem todos os plantadores puderam pagar os dólares exigidos pela nova legislação, sobretu-

* O autor é inglês e especialista em temas ligados ao desenvolvimento. Artigo publicado em *Ceres — Revista de la FAO, 27*(3) maio/jun. 1995. Trad. de Fernando Roberto de Freitas Almeida.

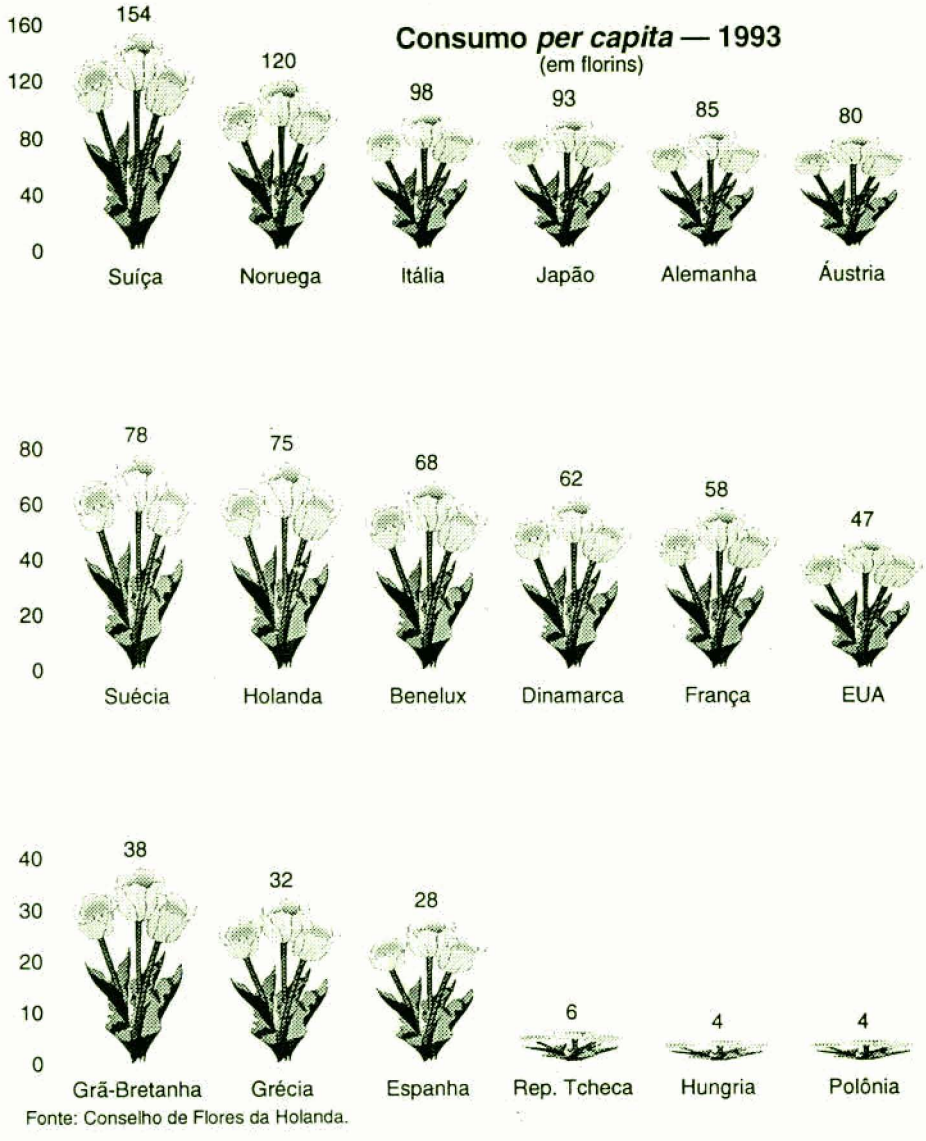
[1] N. do T.: Material inerte, à base de pedras, usado em hipotonia.

do com os preços de venda já tão baixos, como conseqüência da competição da África e da América Latina. Para os que puderam, o sistema fechado de cultivo oferece uma arma valiosa na batalha contra as importações, um aumento de rendimento de 200 a 600 plantas por metro quadrado a cada ano.

Para empresas como a Terra Nigra, sem dúvida o futuro não está nas flores de corte, mas nas variedades. Seus 2ha permitem-lhe viver folgadamente, mas patentear um novo tipo de rosa ou gérbera é como conseguir um sucesso musical: gera receitas durante anos, talvez até décadas. Os compradores da nova tecnologia devem pagar direitos aos fitomelhoradores por corte e podem ver-se obrigados a paralisar suas operações, se não o fizerem.

O pagamento de *royalties* da Tineke, uma rosa branca desenvolvida em fins dos anos 80, financia agora todo o programa de pesquisa e desenvolvimento de Terra Nigra. "A Tineke é a nossa vaca leiteira", afirma orgulhoso Berk, "vendeu maravilhosamente."

Podem passar anos até se obter uma variedade de flor, cruzando e comparando diversas gerações de plantas de sementes, até identificar duas ou três apropriadas. Uma vez conseguida a variedade, porém, seu impacto no mercado pode ser meteórico. Também significava, antes que se impusessem as novas regras ambientais no país, um aumento da contaminação. Só o germini, um primo genético das gérberas comuns, requeria a aplicação de 362kg de pesticidas por hectare, segundo dados da Federação do Ambiente do Sul da Holanda.



Fonte: Conselho de Flores da Holanda.